

S.O. 12.52/91

J. A. PIRES DE LIMA

Director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina
do Porto

Considerações sôbre a velhice

27-217

L I S B O A
1 9 4 0

Separata da ACÇÃO MÉDICA
Fasc. XV — Janeiro de 1940

Re. 140803



Considerações sôbre a velhice¹

O nosso ilustre poeta Eugénio de Castro teve a infeliz idea de traduzir o antipático livrinho de Emilio Faguet *Da Velhice*, que pertence à série chamada *Os dez mandamentos*, um dos quais se intitula *Amarás os velhos*.

O douto académico francês manifesta o seu amor accumulando-lhes sôbre as venerandas cabeças as mais torpes injúrias. Para Faguet não há defeito que os pobres velhos não tenham.

A velhice é uma doença, e doença incurável, para a qual os remédios aconselhados são contraproducentes. Se, enquanto válidos, queremos prevenir os malefícios da velhice, não faremos mais que antecipá-la, usando de cautelas que já lembram a invalidez ou a idade avançada.

A velhice é uma espécie de entorpecimento de todo o ser: sentidos, coração e espirito. Perde o velho o amor aos livros e, se é escritor, não produz nada de novo: apenas se repete.

O velho é egoísta e invejoso, chegando a detestar os próprios filhos e os netos, pela simples razão de serem novos.

Continuando a pintura do quadro, diz Faguet que a velhice é tristonha, por saber que é importuna. Que grande maçada é ter de aturar um velho, com as suas caturrices e os seus achaques!

Carregando mais nas côres, o académico francês chega a dizer que «todo o velho é ridículo e todo o velho se sente ridículo, a menos que não seja completamente imbecil, o que é, afinal, o caso mais freqüente.

O ridículo do velho, continua cruelmente, vem de que, não sendo ele já um homem, faz todos os gestos dum homem, com uma imperfeição bem manifesta e uma inabilidade que salta aos olhos.»

«O velho é o macaco do homem. O homem trabalha, o velho emprega todos os esforços para fingir que trabalha; o homem fala, e nada é tão cómico como êsses guinchos pelos quais o velho dá a si próprio

¹ Conferência na Associação dos Estudantes Católicos do Pôrto, 25-XI-39.

a ilusão de palavras; o homem anda, o velho arrasta-se; o homem luta, o velho irrita-se; o homem ama, o velho excita-se; o homem quer, o velho é voluntarioso; o homem vive, o velho — com imensos esforços, pretende dissimular a impotência, revelando-a ainda mais — finge viver: A velhice é uma comédia contínua, representada por um homem que quer iludir os outros e iludir-se a si próprio, e que é cómica, sobretudo, porque é mal representada.

A velhice é rabugenta e a avareza é uma das maiores características da senilidade.»

E a obra de Faguet vai até ao fim no mesmo tom agressivamente irónico e termina por estas palavras:

«Todavia, a minha última palavra sobre a velhice será, como deve ser, que desejo sobretudo que não chegueis a ela.»

Vê-se que alguma pessoa idosa ofendeu Faguet, incitando-o a rude vingança. Parece que o escritor tomou para modelo um caso de psicopatologia.

Estas ideias caricaturais estão muito generalizadas, constituindo pretexto magnífico para a atitude corrente para com os velhos. Mal começam a branquear os cabelos a uma pessoa, logo a rodeiam os rapazes, empurrando-a à focinhada, para lhe herdar o lugar.

São manifestamente exagerados os traços da pintura de Emilio Faguet. Tenho, realmente, conhecido velhos com tôdas as más qualidades por êle citadas, Há velhos avarentos como Harpagão, hipócritas como Tartufo e invejosos como um Porco.

Mas, ao lado dessas criaturas repugnantes, quantas adoráveis figuras de velhos, respeitáveis pelas suas virtudes, tão prudentes, tão sensatos, tão fundamentalmente bons!

E que brilhantes inteligências, iluminadas pela experiência de longos anos, se encontram em muitos velhos!

Para citar apenas exemplos de casa, mencionarei os seguintes factos: numa festa portuguesa, realizada, há pouco, em Londres, tornou-se necessário apresentar um grande pianista. Pois foi-se buscar o insigne Viana da Mota, já atingido pelo limite de idade. Morreu há pouco, octogenário, o higienista Ricardo Jorge; pois ainda está para nascer quem possa ombrear com êle na sua especialidade.

Mais de oitenta anos tem o etnógrafo Leite de Vasconcelos; talvez nunca mais apareça em Portugal quem possa realizar uma obra tão valiosa como a dêle. Com oitenta e tantos anos, continua a ser Fernando de Sousa o mestre incontestado do jornalismo português.

É sabido que o trabalho intelectual é compatível com a longevidade e parece que até a favorece.

Viveram mais de oitenta anos os matemáticos Halley e Newton; os físicos e químicos Bunsen, Berthelot e Franklin; os biólogos van Beneden, Buffon, Fabre e Ramón y Cajal; os anatómicos Morgagni, Sappey, Cruveilhier e Waldeyer; os filósofos Kant, Bacon, Voltaire, Spencer e Littré; os historiadores Champollion, Thiers e Mommsen; os

escritores Calderón, Corneille, Goethe, Vitor Hugo e Anatole France; os pintores Miguel Angelo, Ticiano, Madame Vigée-Lebrun e Tintoreto.

Quantos homens de idade avançadíssima não estiveram à frente dos mais transcendentales serviços do Estado, desempenhando as suas funções com um brilho de que os novos seriam incapazes!

Bastará citar Leão XIII, Bismarck, Gladstone, Clemenceau, Hindenburg e Masaryk.

Li há dias a notícia de que o célebre fisico Branly, precursor da descoberta da telegrafia sem fios, fizera 95 anos; acrescentava o jornal que, perguntando-se ao grande sábio se elle não pensava em aposentar-se, elle respondera:

— Lá para quando eu fizer cem anos, para ser conta certa...

O mais profundo estudo sobre a velhice escreveu-o, há dois mil anos, o filósofo Cícero, que, no dizer de Montaigne, é o mais glorioso homem do mundo. Resumamos os pensamentos que exprimiu o grande orador, aos 63 anos, pouco antes de ser vítima da sua corajosa eloquência. No *Diálogo sobre a Velhice* pede Lélío a Catão o Velho que lhe ensine, antecipadamente, a suportar com facilidade o pêso dos anos, ao que êste responde: «As melhores armas da velhice são as letras e a prática das virtudes *«Aptissima omnino sunt, Scipio et Laeli, arma senectutis, artes, exercitationesque virtutum.»*

A vida calma, pura e levada com elegância, conduz à velhice doce e pacífica. Tal foi, como é sabido, a de Platão, que morreu, de pênna na mão, na idade de oitenta e um anos.

Há quatro motivos que fazem temer a velhice: o primeiro é que ela nos proíbe o cuidado dos negócios; o segundo é porque ela enfraquece o corpo; o terceiro é a privação de quasi todos os prazeres; o quarto é a aproximação da morte.

O etnógrafo Jaime Lopes Dias (Etnografia da Beira — V, 1939) colheu em Monsanto, *a mais portuguesa das aldeias*, uma classificação curiosa das idades da vida humana. O homem tem quatro vidas, dizem os Monsantoins:

«De anjo
de pavão
de burro e
de cão.»

E' anjo na primeira época da vida, durante a cândida incência infantil. Chegado à adolescência, é um verdadeiro pavão, quando procura deslumbrar o sexo oposto com a vaidosa indumentária da mocidade. Na idade madura, quando se torna mais laboriosa a luta pela vida, o homem é comparado a um resignado jumento.

Por fim, vem a decrepitude, e o pobre velho só espera que lhe dêem uma cõdea de pão e, às vezes, um pontapé.

A velhice proíbe-nos efectivamente de realizar funções que compe-

tem à mocidade. Mas o trabalho dos velhos pode ser utilíssimo: quantos homens de provecta idade se apontam que foram grandes na política e na literatura! Afirmar que são inúteis os velhos, onde existem moços, é o mesmo que dizer que o piloto nada faz no navio, porque está sentado comodamente a manejar o leme, enquanto os outros trepam aos mastros e praticam as manobras que exigem força e agilidade.

Concordemos que os velhos não possam realizar o que fazem os rapazes: mas quanto mais importantes são as suas funções! Não é pela força e agilidade do corpo que se executam as grandes coisas, mas sim pela prudência, a autoridade, que aumentam com os anos. Não pode considerar-se inactivo o homem que já não pode cingir uma espada, mas que se atreve a ir para o Senado proclamar a necessidade de se fazer a guerra. Não pode o ancião correr, saltar, combater, de armas na mão. Mas, com a sua sabedoria e a sua experiência, pode governar os povos ou ser magistrado nos tribunais.

Percorrendo as páginas da história, ver-se-á que foram os jovens que derrubaram as mais poderosas nações e que foram os velhos que as sustentaram e restauraram. São temerários os que estão na flor da idade e o homem só ao envelhecer se torna prudente. Diz-se que a memória enfraquece com a idade. Assim é, para quem não a exercita ou para quem sempre a teve preguiçosa.

As forças do espirito sobrevivem aos anos, desde que não renunciemos à aplicação e ao trabalho.

Sófocles escreveu tragédias até à extrêma velhice; e, como esta nobre ocupação o desviava das preocupações domésticas, os filhos requereram a sua interdição. O glorioso velho terminava neste momento o *Édipo em Colona*. Leu a célebre tragédia aos juizes, perguntando se poderia considerar-se a obra dum imbecil. O tribunal absolveu pura e simplesmente o grande escritor.

Sófocles, assim como Homero, Hesíodo, Pitágoras, Demócrito, Platão, e muitos outros grandes homens conservaram a actividade do espirito enquanto durou a sua longa existência.

Dizia Solon que tinha grande honra em envelhecer, aprendendo todos os dias alguma coisa de novo.

É certo que o organismo enfraquece com a idade. Claro é que o velho não pode ter o vigor dum rapaz; mas o mancebo também não pode ter a veleiidade de possuir a força dum touro ou dum elefante.

Cada um sirva-se do que tem, e valha-se das suas forças.

Há misteres em que a idade não provoca decadência. Sucede às vezes que a voz é sonora e brilhante na velhice; mas, ainda que o não seja, a linguagem dum velho, para agradar, basta que seja calma e fácil. O homem instruído, que fala com elegância e com doçura, faz-se escutar com prazer, ainda que seja velho.

É também uma nobre missão para as pessoas idosas cercar-se de rapazes e instruí-los sobre a virtude e a prática dos deveres.

Enquanto o ancião pode incutir aos novos bons conselhos, não deve lamentar-se, mesmo que as forças, arruinadas pela idade, o tenham abandonado. Esse esgotamento deve, aliás, imputar-se, mais aos vícios da

juventude que à própria velhice. São os rapazes intemperantes e libidinosos que fazem os velhos sem vigor.

Enquanto durar o vigor físico, goze-se tal benefício; enfraquecido êle, não o lamentemos. De contrário, teríamos de lamentar, na juventude, a perda da infância, e lamentar depois a falta da juventude, desde que ela passasse.

Ê regular o curso da vida e a marcha da natureza é simples e uniforme. Cada estação da existência tem o seu lugar; e a debilidade da infância, a audácia da juventude, a gravidade da idade viril, a maturidade da velhice são outros tantos frutos que a natureza nos oferece e que devem colher-se na época própria.

Alude Cícero a um tal Massinissa, duro velho de noventa anos que, ao iniciar a pé uma caminhada, nunca montava a cavalo; se partia a cavalo, nunca mais se apeava até ao termo da jornada. Não havia chuva nem frio que o obrigasse a cobrir a cabeça. De corpo sêco e bem disposto, cumpria as suas obrigações e conservava, em idade tão provecta, alguma coisa do vigor antigo. Êste retrato de Massinissa muito me faz lembrar a figura austeríssima dum clínico de aldeia, tão querido do povo de Melgaço, o Dr. Vitoriano, que, a-pesar-da sua provecta idade, percorre diariamente, a cavalo ou a pé, longuíssimas caminhadas, através das serras inóspitas do Alto-Minho, entrando, esguio e apumado, nos tugúrios de muitos pobres, semeando o bem.

Devemos lutar contra a velhice, tratando-a como uma doença. Entreguem-se os de idade avançada a um exercício moderado, tomem os alimentos necessários para reparar as fôrças e abstenham se dos excessos que as destroem. Ê preciso prestar tantos cuidados ao corpo como ao espirito. Não se olhando por êste, apagar-se á, como uma lâmpada sem azeite.

O exercício, que esgota a actividade do corpo, diz Cícero, pelo contrário, excita o vigor do espirito.

A chamada segunda meninice não afecta todos os velhos, mas somente aquêles cujo espirito não tem vigor.

Para que a velhice seja respeitada, que defenda os seus direitos, que não sacrifique a sua independência, que domine até ao último suspiro. Dêste modo, poderá envelhecer o corpo, mas não o espirito.

O terceiro ponto de acusação contra a velhice é a privação dos prazeres materiais. Ao contrário do que se pensa, devemos considerar que a idade nos favorece, libertando-nos do que há de mais terrivelmente perigoso na mocidade. Os prazeres corporais são o maior flagelo criado pela natureza. Por via dêles, cometem-se os maiores crimes. Uma vez senhores do coração humano, os prazeres não deixam lugar para a moderação e, onde reina o prazer, não pode existir a virtude.

A sensualidade é o mais funesto dos venenos e torna-se incompatível com as obras da intelligência.

A concupiscência é inimiga da razão e cega, por assim dizer, os olhos da alma.

Só a velhice é capaz de pôr de acôrdo os nossos desejos com os nossos deveres.

Podem lamentar-se os velhos por não se regalarem num banquete, comendo excessivamente e esvaziando copos? Trata-se até duma vantagem, pois não se arriscam à embriaguês, a indigestões e à insónia.

E' preciso, todavia, alguma coisa conceder à velhice.

Chamava Platão, judiciosamente, ao prazer, a *isca dos males*, porque os homens se deixavam nele prender como os peixes no anzol.

Conquanto os velhos devam ser comedidos na alimentação, podem contudo assistir a banquetes frugais, em alegre colóquio com os amigos.

Tiveram razão os antigos dando o nome de *convivas* aos amigos que se reúnem à volta da mesa. *Vivemos*, com efeito, *juntamente* com eles. Os velhos podem ter grande satisfação durante um longo banquete, comendo e bebendo pouco e conversando muito,

Felizes são os velhos, quando substituem as paixões violentas da mocidade pelo estudo honesto e repousado.

Afirmava Solon que, ao envelhecer, adquiria cada vez mais conhecimentos.

E' o mesmo conceito que o povo de hoje exprime, dizendo: «Aprender até morrer». Os prazeres espirituais devem ocupar o primeiro lugar.

Espraia-se depois Cícero a cantar as delicias da vida campestre, que tanto convém aos velhos: a contemplação das sementeiras, da cultura da vinha, «As ceifas, os prados, os vinhedos, as árvores não são os únicos encantos da aldeia; juntem-se-lhe os jardins, os pomares, o gado, as pastagens, os enxames de abelhas e a imensa variedade de flores!»

E a alegria e a beleza da vida campestre são contadas com entusiasmo virgiliano.

E' também motivo de grande satisfação para os velhos o respeito e a consideração de que são rodeados pelas pessoas educadas.

Resta falar no quarto ponto, o que mais allige os velhos: a proximidade da morte.

E' certo que, para o ancião, a morte não pode vir longe e elle deve habituar-se a encarar essa idéa corajosamente. Mas não é só o velho que está arriscado a morrer, A morte não procura idades e, afinal de contas, morrem mais pessoas novas do que velhas.

A morte é certa, e, a este propósito, há, diz Cícero, duas hipóteses a considerar: ou ela nos aniquila definitivamente, ou nos conduz à immortalidade.

Para que havemos de temer a morte? Na primeira hipótese, acabarão todos os infortúnios; e, na segunda, ficaremos a gozar a felicidade eterna.

Surpreende o ardor com que Cícero defende a idéa da immortalidade da alma, idéa que, pouco depois, o Cristianismo difundia pelo mundo inteiro.

O corpo, diz o maior dos oradores romanos, é, para nós, uma espécie de prisão, onde temos de cumprir a penosa tarefa que a necessidade nos impõe. A alma, precipitada das alturas do Céu, que foi o seu berço, mergulhou no lódo da terra, inimigo da natureza eterna e divina.

Mas eu creio que, se os deuses encerraram uma alma inteligente no corpo humano, foi para darem guardiões à terra, e ao céu espectadores que representassem a harmonia na regularidade da própria conduta »

Não foi apenas o bom senso e a reflexão que levaram Cícero a pensar assim. Baseou-se também na autoridade dos filósofos: Pitágoras e seus discípulos não duvidavam que as nossas almas fôsem parcelas da inteligência divina, que move o universo.

A mesma idéia exprimiu Sócrates, o mais sábio dos homens, quando estava para morrer.

Vendo a actividade do espírito humano, esta memória imensa, esta vasta providência, esta multidão de artes, de ciências, de descobertas, persuadi-me e tenho a convicção íntima que uma natureza dotada de tais atributos não poderá ser mortal».

E a idéia filosófica da imortalidade da alma continua a ser ardorosamente defendida pelo mais eloqüente dos oradores romanos:

«Nunca pude acreditar que, depois de viver no seu invólucro mortal, a inteligência expirasse ao despojar-se dêle e que a alma cessasse de pensar, no momento em que se desprende do corpo que não pensa. Sempre acreditei, pelo contrário, que ela estaria, verdadeiramente, em condições de pensar, quando, liberta de tôda a mistura com a matéria, se tornasse independente e pura. Quando a morte dissolve os elementos do nosso ser, vê-se claramente o destino das substâncias materiais: todas entram no seio das coisas donde foram tiradas. A alma é que não se mostra a nós, nem durante a sua estada no corpo, nem à partida».

E assim conclue Cícero, com estas belas frases, que parecem dum cristão: «Anseio por tornar a ver os pais, que tanto respeitei e tanto amei; estou impaciente por me juntar a todos aquêles que conheci, ou de quem ouvi falar, cujos actos li ou descrevi. Se um deus me offerecesse a possibilidade de regressar aos dias da minha infância, às faixas do berço, recusaria sem hesitar e não consentiria, no fim da carreira, o regresso ao principio.

Não lamento o ter vivido, porque não me parece de todo inútil. Mas saio da vida como duma hospedaria, e não como se retirasse duma casa que me pertencesse. A natureza não fêz da terra uma habitação fixa, mas apenas um lugar de passagem.

Assim pensando, a velhice é, para mim, não só isenta de desgosto, mas ainda cheia de encantos. Se me enganar acreditando na imortalidade da alma, não me arranquem essa ilusão enquanto eu viver.»

Ficam assim expostas as ideias de Cícero, com o resumo de alguns dos passos mais salientes da obra mais notável que, em dois mil anos, se escreveu sobre a matéria: «*Cato major, seu de Senectute — Dialogus ad Titum Pomponium Atticum.*»

Depois do aparecimento desta obra prima da literatura clássica, muitos escritores abordaram o mesmo tema. Mas *De Senectute* como que esgotou o assunto. Quem veio depois, em regra, ou repisou as mesmas ideias, ou, como Faguet, tentou deslumbrar com paradoxos.

Do começo do Século XIX, citei a famosa *Macrobiótica* de Hufeland, que aconselhava a cultura das faculdades físicas e morais do Ho-

mem para favorecer o prolongamento da vida, terminando assim a sua obra, segundo a versão portuguesa: ¹

«Pelo que se acaba de referir, bem se vê qual é o grau de cultura necessário à prolongação da vida: só ela, tanto no físico como no moral, tem por alvo a maior perfeição possível das nossas faculdades, mas também ela se propõe sempre, como regra, a grande lei moral, à qual tudo no homem deve referir-se, para que sua existência seja boa, conveniente ao seu destino, e verdadeiramente benéfica».

Sob um ponto de vista interessante, encarou o assunto o escritor francês André Maurois, em conferência pronunciada no mês de Dezembro do ano passado ². A série *Pequena filosofia da vida* terminou pela conferência *A arte de envelhecer*, que me fez lembrar o drama de Marcelino Mesquita *Envelhecer*, que há uns quarenta anos ouvi representar pela célebre Companhia Rosas e Brasão.

«Os cabelos brancos, dizia o Eduardo, a preparar o trágico desfecho, os cabelos brancos embranquecem-me a correr; mata-me essa tristeza funda, íntima, que eu não conhecia, da velhice, que nos torna desterrados da terra, da vida, que nos atira para o lado, para os mais passarem, rirem e amarem! Como reagir? Como lutar? A mocidade é bela e invencível! Só ela é grande na terra, a idade do amor, dos sonhos, da felicidade!...»

Na minha terra considera-se grave inferioridade a velhice; e quando a uma pessoa de idade se chama velho, elle toma a mal, e replica, mal disposto: — Velhos são os farrapos! E às vezes acrescenta: — E mesmo esses teem serventia...

Certa noite, à hora do jantar, numa casa de hóspedes desta cidade, perguntaram indiscretamente, a uma senhora de idade avançadíssima, quantos anos tinha.

— Sou muito velha, respondeu a dama; ainda sou do tempo em que parecia mal perguntar a idade a uma senhora...

Quando começa a velhice, pergunta Maurois?

Em amena conversa com o Dr. Eduardo Monteiro, exprimiu elle uma definição, que deve agradar sobremodo a todos os que já não são crianças. «Velho, disse o amável professor da Faculdade de Medicina de S. Paulo, é uma pessoa que tem mais de vinte anos do que nós...»

Maurois é de opinião contrária: faz recuar, cruelmente, o começo da velhice para os cincoenta, ou até para os quarenta anos.

A velhice, como o outono, aparece gradualmente. Quando uma ventania de Novembro arranca as folhas das árvores, já ellas, ha muito, estão quasi mortas, prêsas por um fio aos ramos.

O mesmo acontece com a vida humana. Quando um rapaz faz qualquer tolice, paga-a com uma dor de cabeça ou uma constipação. Tratando-se dum velho, a ventania abate-o e chama-se pneumonia, congestão cerebral...

¹ Arte de prolongar a vida humana ou moderno tratado de hygiene. Escrito em Alemão por Hufeland. T. II. Lisboa MDCCCXXV.

² ANDRÉ MAUROIS — *L'art de vieillir* (Conferência, 15-111-39).*

A velhice não é só caracterizada pelos cabelos brancos e pelas rugas. O zerdadeiro mal não é o enfraquecimento do corpo, mas sim a indiferença da alma.

O velho perde o entusiasmo e, pouco a pouco, por nada se interessa. — «Para que serve? — diz constantemente o ancião, limitando cada vez mais o ambiente da sua vida.

«Para que serve lutar?» dirá um dia. Passado tempo, dirá: «Para que serve sair de casa?» E depois: «Para que serve sair do quarto?» E depois: «Para que serve sair da cama?» E por fim: «Para que serve viver?»

E, assim, ficam abertas as portas da morte.

Tirando os organismos simples que escapam à morte, pela divisão em indivíduos novos, todos os seres, mais tarde ou mais cedo, entram na velhice. Porque será que certas borboletas não vivem mais do que duas horas, enquanto que o Papagaio e a Tartaruga podem viver dois séculos? Porque será que Deus concede trezentos anos de vida a certos Peixes, enquanto que Byron e Mozart não passaram dos trinta?

A estas perguntas, diz Maurois, não podemos dar resposta. Com os progressos da hygiene, a média da vida humana tem aumentado consideravelmente e é verdade que, por este andar, se não houvesse guerras nem revoluções, o homem atingiria os cem anos, normalmente.

Não é só nas sociedades civilizadas que os velhos são maltratados pelos ardentes moços, que lhes querem tomar o lugar.

Conta um viajante de África que encontrou, certo dia, um velho chefe negro, aterrado, que lhe suplicou — «dê-me uma tintura para os meus cabelos; se eles vêm que os tenho a branquear, matam-me!»

São muitas as histórias que se contam a propósito do mau tratamento dado aos velhos. Todos conhecem a anedota do velho pai pôsto pela porta fora pelos filhos, com uma manta às costas e uma escudela na mão.

Não é só a espécie humana que se mostra assim cruel para com os velhos. Até os lobos dão cabo dos companheiros mais idosos, quando os seus dentes já não são aptos para agarrar a presa...

Em caso de guerra, mal vai aos velhos. Nas revoluções, é certa a vitória da mocidade, pela sua decisão pronta, pela sua maior facilidade a adaptar-se a novos costumes.

Lembro-me bem do que suceceu ha anos, numa das nossas mutações revolucionárias. Depois de cruelmente afastados os velhos, foram se buscar à cadeia jóvens audaciosos, que treparam sem esforço para as cadeiras do poder ou para as cátedras universitárias.

Nas sociedades tradicionais, era comum o respeito pelos velhos. André Maurois transcreve os seguintes conselhos, dum livro de leitura usado outrora nas escolas primárias do velho Império chinês:

«No verão todos devem conservar-se junto de seus pais, agitando um leque, para os livrar do calor, das moscas e dos mosquitos. No inverno, reparem os filhos se há bastantes cobertores no cama de seus pais, e se há lenha no fogão. É preciso livra-los das correntes de ar, fechando bem as portas e janclas, e vigiar que, todo o dia, estejam contentes e felizes.»

Na China moderna, varrida pela corrente revolucionária, as atenções pelos velhos desapareceram. Estabeleceu-se a força audaciosa dos novos, que transformou o tradicional império num montão de ruínas, à mercê do estrangeiro.

Nas mutações rápidas, triunfa a mocidade; a estabilidade e a vida tradicional só podem existir com o prestígio da velhice, diz o académico francês, que acrescenta: A melhor política é talvez a dos guerreiros de Homero; no comando activo das tropas, alguns moços heróicos e, perto deles, o sábio Nestor, ministro de Estado.»

São grandes os malefícios da velhice, mas podem atenuar-se. Um corpo que envelhece é uma espécie de motor fatigado. Pode ainda prestar serviços, se fôr cuidadosamente reparado a tempo. Mas, enfim, não volta a ser o que foi e não se lhe podem exigir grandes esforços.

A decadência intelectual não é completa para toda a gente, e tem havido artistas que, até a morte, se mantiveram senhores do seu talento. Voltaire tinha 65 anos quando escreveu *Candide*; Vitor Hugo compôs belos versos na extrêma velhice; Goethe também já era muito velho quando escreveu o admirável final do *Segundo Fausto* e Wagner tinha 69 anos quando acabou a partitura do *Parsifal*.

Enumera Maurois os defeitos dos velhos, fraquezas que já tive ocasião de mencionar. Começa pelas grotescas paixões amorosas de alguns velhos, assunto já versado, com muita graça, pelo nosso Gil Vicente, no *Velho da Horta* e na *Floresta de Enganos*.

Nesta obra vicentina, o Doutor Justiça Maior do Reino, velho namorador, diz, requebradamente, a uma rapariga:

«Yo no quiero
De vos plata ni dinero,
Mas privar con vos por cierto
En lugar mucho secreto
Por deciros quanto os quiero.»

A par das paixões amorosas senis, de que não puderam libertar-se grandes homens, como Goethe, e Vitor Hugo, para quem o coração já-mais tinha rugas, apresentam-se outros vícios que já mencionei, como o egoísmo e a avaréza, que tornam deveras antipáticos certos velhos, assim como a vaidade e a impertinência.

Todos estes defeitos fazem afastar os moços, e muitos velhos acabam por viver na mais completa solidão.

Será possível não envelhecer? — pergunta André Maurois. «Assim como uma árvore não pode impedir que lhe caiam as folhas no Outono, também o homem não pode fazer com que o cabelo lhe não comece a branquear nas fontes e a mulher tem de resignar-se ao aparecimento dos *pés-de-galinha* nos cantos externos dos olhos.

Mas se a mulher não pode evitar a aproximação da velhice, encontrou, todavia, meios para a encobrir o mais possível. A mulher idosa enfeita-se com muitas joias. Põe um colar de pérolas ao pescoço, para não deixar ver as cordoveias senis. Enche de anéis os dedos, para não se dar fé das mãos descarnadas; usa brincos de brilhantes, para que a vista distraída não possa contar as rugas que lhe franzem a cara.

A política de moda consiste em tentar conseguir que não se distinga a juventude da idade avançada. Para isso, inventou-se o pó de arroz, a cor vermelha para os lábios e o lindo véuzinho que encobre tantas imperfeições. . . »

Todas estas práticas para pouco mais servem do que para se enganarem a si próprias, pois que é inexorável a marcha da vida, com todas as suas manifestações de decadência.

Os biólogos, em meticolosas experiências, tem conseguido rejuvenescer animais de espécies inferiores, injectando lhes hormonas ou enxertando-lhes glândulas de animais novos.

Mas o verdadeiro rejuvenescimento não pôde ainda obter-se perfeitamente para o Homem, pois que as tentativas do famoso Voronoff são, por enquanto, bastante precárias.

Mas será possível, ao menos, retardar a velhice e diminuir os seus efeitos? — pergunta Maurois.

Com o exercício, pode manter-se a destreza e a graça por largo tempo; muitos septuagenários praticam diariamente esgrima o jogam o *tennis*, nadam e remam com o desembaraço dum rapaz. Vi em Londres, nas festas dum Congresso, muitas pessoas de avançada idade, de ambos os sexos, dançar animadamente.

Não pode interromper-se a velhice, desde que ela começa a manifestar-se. O que é preciso é reagir a tempo e não nos deixarmos apoderar do desânimo. Pudéssemos todos cumprir tão salutares indicações!

Nada de renúncia prematura, nem renúncia física nem sentimental.

O coração, tal qual como o corpo, diz o escritor francês, tem necessidade de exercício.

É costume acharem-se ridículas as paixões amorosas dos velhos. Contudo, nada mais respeitável do que ver-se um velho casal dar-se bem; as atenções, a ternura, o affecto, a admiração recíproca podem manifestar-se em qualquer idade.

Morre o ciúme com a mocidade e a violência extingue-se com a força; mas, com o resto de duas mocidades tempestuosas, podem fazer-se duas velhices encantadoras, pois o amor dos velhos pode ser tão sincero como o dos novos. A vida sentimental não é feita apenas de manifestações amorosas. A afeição dedicada pelos velhos a seus filhos e netos pode preencher completamente a sua vida, tornando-a perfeitamente feliz.

São lapidares estes pensamentos e conselhos do velho Hanotaux: «Tudo acontece; tudo se esquece; tudo se arranja.» «Ninguém entende nada de nada.» «Se todos soubessem o que todos dizem de todos, ninguém falaria a ninguém.» Com 85 anos, o notável historiador, longe de cair no desespero, adquiriu serenidade e confiança, exprimindo notáveis conceitos como aquêles.

Poderia supôr-se que uma vida agitada, grandes emoções, lutas, estudos, investigações, fadigas e gastam as pessoas. O que é verdade é que succede exactamente o contrário.

Clemenceau e Gladstone, assim como os outros que já citei, aos 80 anos espantavam pelo seu vigor.

Envelhecer, afirma André Maurois, é apenas um mau hábito; quem tem muito que fazer, não tem tempo para o adquirir.

E o célebre escritor termina o seu estudo da mesma forma que Cícero finalizou o seu, há vinte séculos: aconselhando aos velhos a vida calma e despreocupada do campo, enquanto não vem a morte, que deve encarar-se com os olhos da fé.

O último capítulo da conferência de Maurois intitula-se *A arte de morrer* e é curioso notar que êste epílogo é singularmente parecido com o de *De Senectute*.

«Há duas maneiras de morrer: — diz Maurois — a do epicurista, para o qual a morte não é nada, e a do cristão, para quem ela é tudo.»

Briosos mancebos! Pús-vos diante dos olhos o quadro da velhice, conforme ela foi considerada, através dos séculos, por grandes pensadores. Estou a ouvir a vossa réplica: — «Que temos nós com isso? O nosso corpo está cheio de vigor, plena de esperanças está a nossa alma. Portanto, para que pensar na velhice?»

Estais enganados. A mocidade passa como um relâmpago e não tardará o tempo em que começareis sentindo o declinar da força física e das energias morais.

A arte é longa, a vida é breve, proclamou o venerando Pai da medicina. E ficai sabendo que as misérias da velhice são criadas pelos vícios da mocidade.

Eu pertenci a uma geração pervertida por muitos vícios. Os rapazes do meu tempo viviam completamente envolvidos nos males da gula e da luxúria. A embriaguês era vício muito comum na rapaziada do meu tempo e quasi todos aspiravam a ser tão libidinosos como sátiros.

Os resultados desta vida depravada, ainda os cheguei a ver: quantos rapazes esperançosos morreram prematuramente, quantos arrastam hoje uma velhice plena de achaques, por causa da má vida que levaram na juventude?!

Ainda bem que, nos últimos tempos, tudo mudou. É com a maior satisfação que vejo a mocidade de hoje acolher-se, tão salutarmente, ao seio desta benemérita agremiação, onde bebem os sãos princípios da espiritualidade católica.

Se cuidardes da vossa formação moral e religiosa, tereis uma velhice calma e feliz.

E vou concluir, servindo-me, mais uma vez, das palavras de Cícero:

«Eis o que posso dizer-vos sobre a velhice. Oxalá que a ela chegueis todos e que a experiência confirme a veracidade das minhas palavras».

Não suponhais que elas são inoportunas.

O sonho da mocidade depressa se esvai e, segundo o alto pensamento de Afonso Lopes Vieira,

A noite cai, mal amanhece!



